

DOIS AUTORES E UM RIO: ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO NA POESIA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

Adriane ZMIESKI¹
Carla KÜHLEWEIN²

RESUMO: *Um dia, um rio* (2016) é uma obra infantil que retrata o rompimento da barragem em Mariana-MG. Sua análise segue um percurso que envolve imagem e (con)texto, de acordo com a metodologia proposta por Orlandi (2015), considerando-se o diálogo entre o visual e o verbal (ABREU, 2010), a reflexão sobre a efemeridade (BAUMAN, 2001) de eventos reais transportados para o universo infantil através da arte poética e como esta pode se transformar em denúncia social (COLOMER, 2003).

PALAVRAS-CHAVE: Ilustração; Poesia infantil; Efemeridade.

1. Ilustração e Poesia: Um Diálogo Necessário

Frequentemente a literatura infantil brasileira retrata momentos históricos da vida cotidiana, de forma a contemplar o universo da criança, considerando suas emoções e reações a determinados eventos. Sob essa perspectiva a obra literária infantil selecionada para este estudo é *Um dia, um rio*, publicada em 2016, com texto de Leo Cunha e ilustrações de André Neves, criada a partir da tragédia do rompimento da barragem do Fundão, na cidade de Mariana, Minas Gerais, um ano antes de seu lançamento.

O livro será analisado de acordo com as condições de produção, conforme proposto por Orlandi (2015), considerando a sociedade, o indivíduo e a criança na modernidade, sob a perspectiva de Bauman (2001), Stuart Hall (2014, *apud* PINA, 2015) e Müller (2013). Os conceitos propostos por eles serão explicitados para então se seguir à análise do livro, considerando-se o diálogo interartístico entre poesia e ilustração.

¹ Graduada em Letras Português pela Unespar (Apucarana/PR-Brasil) - Orientada - adrianezmieski@gmail.com

² Doutoranda em Literatura e Vida social e Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Unesp (Assis/PR - Brasil) - Orientadora - Professora colaboradora no curso de Letras/Português da Unespar (Apucarana/PR - Brasil).

Nesse sentido é preciso ressaltar que, por se tratar de um livro de literatura infantil, as ilustrações são, assim como a escrita, uma parte importante do livro, pois integram-no, constituindo-se como elemento-chave para sua compreensão, visto que, no cenário atual da literatura infantil, ambas se complementam e já não podem ser vistas separadamente. Lajolo e Zilberman (1985) referem-se a esse aspecto como sendo um traço de modernidade, passando a ser incorporado ao texto como elemento central e não apenas como complemento da linguagem verbal. Por esse motivo parte-se da relação entre a criança, o autor e o ilustrador com a obra e seu contexto de produção, levando-se em conta a perspectiva texto/imagem, com o objetivo central de verificar como a arte poética infantil pode levar à reflexão, no caso sobre a efemeridade de eventos como a tragédia em Mariana-MG, e se configurar em uma denúncia, conforme pontua Colomer (2003).

Além disso tome-se também como norte verificar a perspectiva de ambos os autores, poeta e ilustrador, sobre esse evento e a maneira artística com que a expressam, bem como averiguar de que forma o fim repentino da existência do rio é abordado na obra, tanto pelo poeta quanto pelo ilustrador. Enfim é na busca pela compreensão desse “de repente” (“um dia, um rio”) que se pretende compreender de que forma imagem e poesia, mediante um evento real transportado para o universo ficcional, denunciam a incapacidade humana de administrar questões ambientais, no sentido de evitar uma tragédia ou mesmo lidar com ela.

2 . A Liquidez de Um Rio: fragmentos da modernidade

O livro de Leo Cunha e André Neves traz no título a expressão “um dia”, que remete à existência, no passado, de um rio, que ficou para a história, deixando implícita a ideia de “Era uma vez (um rio)”, tal como o início do conto maravilhoso, como aponta Propp (2006). A referência sugere um rio que não existe mais, levando a pensar sobre sua liquidez, que escapa pelas mãos e tem seu destino marcado por uma tragédia. Em relação a isso a sociedade contemporânea se caracteriza, segundo Baumam (2001, *apud* FRAGOSO, 2011), por ser

líquida, cujos laços familiares e tradições são derretidos pelo progresso. Isso pode ser caracterizado como uma nova mudança, porque os indivíduos, em um todo, passam por uma crise de identidade. Em razão disso, esta passou a ser constantemente montada e desmontada, desconstruindo padrões de referência, em decorrência disso a identidade assumida pode ser reconfigurada à revelia.

Para Baumam (2001), considerar *liquidez* como uma metáfora para definir a sociedade atual é coerente por compará-la aos fluidos, que não têm forma fixa e estão prontos para mudá-la sempre que for necessário, até mesmo os padrões de interação passam a ser modificados constantemente. Pensar sobre essa questão implica considerar que o indivíduo que nasce nesse meio tem como forte influência essa efemeridade das relações humanas. Em outras palavras, a criança na contemporaneidade é fruto dessa sociedade fragmentada e volátil.

Para ele, “A fluidez dos líquidos é comparada às dinâmicas sociais contemporâneas” (*Apud* RODRIGUES, 2017, p. 1), ou seja, todas as relações sociais estão em constante transformação na atualidade, assim sendo:

A instabilidade da vida também pode ser vista na dimensão identitária, devido ao fato de que não há mais para o homem identidade aglutinadora que o sintetiza e organiza. Isso possibilita a Baumam (2004/2005) apontar que a identidade não possui mais a solidez de uma rocha, sendo negociável e revogável: as identidades flutuam no ar. Assim, ao invés da busca de uma forma estável de ser, no mundo contemporâneo, torna-se importante a capacidade de mudar de identidade de acordo com a necessidade e contexto de vida. (SILVA; MENDES; ALVES; 2015, p. 256).

Essa nova forma de ver a sociedade também foi destacada por Stuart Hall (2014, *Apud* PINA, 2015), o qual defende que essa crise de identidade afeta o sujeito de uma modernidade tardia, ou melhor, o que antes era unificado passa a ser fragmentado. Ele classifica esse sujeito como “pós-moderno” e “híbrido”, pois não possui mais uma

estabilidade identitária e vive em uma sociedade de mudanças rápidas e constantes.

Segundo Guedes (2013), Hall destaca que as mudanças na pós-modernidade estão centradas no indivíduo, fragmentadas e descentradas. Dessa forma as diferenças e semelhanças sustentam essas mudanças rápidas de identidade cultural na sociedade, gerando novos modelos de identidade, tendo como principal causa a influência do avanço dos meios de comunicação na sociedade, que passa a ser global e não mais local.

Tanto a sociedade líquida de Bauman quanto o sujeito pós-moderno de Hall oferecem um panorama de como o indivíduo se comporta consigo mesmo e com o outro atualmente, estabelecendo relações fluidas e passageiras, contribuindo para que a identidade se tornasse momentânea e descentralizada. Essas mudanças afetam também as crianças, que hoje já nascem em uma era líquida, como prevê Bauman (2001), em todos os aspectos.

A criança na contemporaneidade é vista, segundo Müller (2013), como algo a “vir a ser”, ou seja, como o sujeito que irá se tornar quando crescer e chegar à fase adulta, ou como um espelho dos pais e não como sujeito que tem uma identidade própria, e com isso passa a ser considerada um objeto diante da sociedade:

Faz-se necessária uma ruptura com a representação desqualificadora de que a criança é alguém incompleto, alguém que se constitui num “vir a ser” no futuro. Antes, situá-la no espaço em que o tempo se entrecruza entre presente, passado e futuro, rompendo, desse modo com a noção de tempo vazio e linear que flui numa direção única e preestabelecida. A criança não se constitui no amanhã: ela é hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura de seu tempo. (MÜLLER, 2013, p. 2).

Nesse sentido, as crianças não têm mais uma base familiar concreta, já que ideologias e crenças não são mais passadas de pai para filho por conta da crise de identidade a que Hall, Bauman, Müller se referem. O fato é que elas vivem e convivem nessa mesma sociedade extremamente dinâmica. Assim sendo a nova configuração identitária e interpessoal envolve tanto o universo do adulto quanto

da criança, refletindo-se, conseqüentemente, na literatura, tendo em vista que é uma arte que expressa os anseios da humanidade.

Para Colomer (2003), a literatura passa a adequar-se a seu público, ou seja, as crianças leitoras dessa sociedade contemporânea demandam a mudança de muitas das características presentes nas obras anteriormente, que passam a abordar temáticas antes rejeitadas, optando por “encarar os problemas, do que ocultá-los” (COLOMER, 2003, p. 257), dentre eles a denúncia social, que ganha espaço na busca de conciliar denúncia e literatura através de assuntos que assolam o país.

3. Texto e Imagem no Livro Infantil

Nesse contexto líquido e efêmero, ao analisar um livro como *Um dia, Um rio*, devem-se considerar suas condições de produção, tendo como pano de fundo a tragédia de Mariana-MG. Assim o discurso poético não pode ser dissociado da situação real que o germina, ao que Orlandi (2015, p. 15) esclarece: “as condições de produção incluem, pois os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2015, p. 15, grifos nossos). Para a autora, a situação nas condições de produção pode ser compreendida de duas formas: em um sentido mais amplo, lato (contexto sócio-histórico) ou em um sentido estrito (contexto imediato), que segue ou precede o discurso imediatamente, de acordo com as circunstâncias que o motivam.

[...] A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. (ORLANDI, 2015, p. 15).

Nessa medida as condições de produção são exteriores ao texto e fazem uma relação com o seu interior, constituindo, assim, o sentido, caracterizado pela situação, que pode ser vista de forma estrita ou ampla, podendo ser separadas apenas para explicar o que é dito, pois ocorrem concomitantemente.

Além disso, Orlandi (2015, p. 15) defende que o sujeito do discurso não é o empírico, “mas a posição do sujeito que é projetada no discurso”, o que funcionaria como uma espécie de “ego-imaginário”, encontrado a partir de análises da forma de existência social e histórica de qualquer indivíduo, a forma-sujeito.

O sujeito, assim como a situação, é determinado pelas condições de produção, nas quais “os sentidos e os sujeitos poderiam ser sentidos ou sujeitos quaisquer, mas não o são” (ORLANDI, 2015, p. 20), ou seja, ambos variam de acordo com as condições de produção e o contexto histórico.

De modo geral o livro infantil requer, na maioria dos casos, um trabalho conjunto entre autores e ilustradores para que se tenha o sentido desejado de cada livro, segundo Lajolo e Zilberman (1985), as ilustrações nos livros infantis são consideradas um traço de modernidade, passando a ser incorporadas no texto como um elemento central e não apenas um complemento da linguagem verbal.

Em consonância com essa afirmação, Costa (2000, p. 25) pontua que considerar a ilustração apenas como um complemento da escrita é minimizar seu potencial no livro, pois texto e ilustração devem “somar-se e ampliar os sentidos das mensagens”, ocorrendo assim uma aliança entre o verbal e o visual, responsável pelo efeito estético.

Na mesma linha segue Oliveira (2008, p. 167), ao pontuar que, na literatura infantil contemporânea, as ilustrações dialogam com o verbal, criando-se uma relação entre “autor/texto/mundo que será sempre da perspectiva de alguém (o autor), pousando o olhar sobre o mundo; relação que gera outra: leitor/texto/mundo”. Tais relações, segundo ele, levam à outra: à de autor/leitor, em que aquele, enquanto adulto, deve compreender e pensar neste, a criança, não somente como leitor, mas também como sujeito incluso nesta sociedade descentralizada, líquida e de relações e acontecimentos efêmeros.

Ainda sobre a relação texto/leitor, Coelho (2000) afirma que a imagem leva a criança a um desenvolvimento psicológico através do imaginário na literatura, considerando que a imagem tem o mesmo

poder de transmissão que as palavras, oferecendo aos leitores uma percepção crítica. Segundo a autora, a imagem estimula o olhar, a atenção visual, a comunicação e concretiza as relações abstratas, tendo assim grande “valor psicológico/ pedagógico/ estético/ emocional” no livro infantil (COELHO, 2000, p. 197).

Para Abreu (2010, p. 329), as ilustrações nos livros de literatura infantil são efeito de um “advento da modernidade, que trouxe também o domínio da linguagem visual. A televisão, a internet e a propaganda impulsionam as pessoas para um mundo cada vez mais visual”. Por isso elas devem permitir, assim como a expressão verbal, diversas possibilidades de leitura, estabelecendo uma relação interartística, formando novas perspectivas diante do que se lê e tornando o ilustrador um coautor do livro.

Para ela, as imagens também refletem a ideia do ilustrador, bem como sua concepção e domínio da arte visual e também sua perspectiva diante do público infantil. Além disso cores e formas contribuem para a construção do sentido, transcendendo a decodificação da escrita e permitindo ao leitor construir uma nova narrativa a partir desse diálogo. Enfim elas podem assumir uma função descritiva, podendo comunicar sentimento, emoção ou mesmo caracterizar lugares, contribuindo para a construção da literariedade na obra e aliando o real ao lúdico.

Assim como as ilustrações podem comunicar sentimentos e descrições, o texto poético também o faz, segundo Palo e Oliveira (1986, p. 11): “palavra, som e imagem constroem, simultaneamente, uma mensagem icônica que faz por inclusão e síntese, sugerindo apenas sentidos possíveis”. As autoras destacam três aspectos importantes no diálogo entre texto e imagem: as figuras sonoras, formadas pelos versos, rimas e ritmos presentes nos textos poéticos; visuais, que não possuem compromisso com o real, podendo ser verossímeis; por fim as verbais, situadas entre metáfora e paronomásia:

(...) em ambas, a construção faz-se por relações de semelhança. Na metáfora a semelhança é auxiliada pelo significado dos termos em

conexão, enquanto na paronomásia a semelhança faz-se com base na materialidade gráfica, sonora e de sentido entre as palavras envolvidas. (PALO; OLIVEIRA, 1986, p. 20).

Partindo das teorias expostas e da proposta de verificar como a arte poética na literatura infantil pode levar à reflexão da efemeridade de eventos como a tragédia em Mariana-MG, a análise de *Um dia, um rio* será realizada através da identificação do entrelaçamento texto, contexto e ilustrações, considerando a perspectiva dos autores diante da tragédia, a maneira artística como é expressa e condição efêmera do rio.

4. *Um Dia, Um Rio: Do (Con)Texto à Imagem*

O livro de Cunha e Neves tem como ponto de partida um fator externo, que marca a história do Brasil. Segundo Lopes (2016), o desastre ambiental de Mariana-MG de 05 de novembro de 2015 é considerado o maior desastre ambiental do país. A tragédia ocorreu por conta do rompimento da barragem do Fundão, pertencente à mineradora Samarco e “gerou uma tsunami devastadora de lama de rejeitos que dizimou o distrito de Bento Rodrigues, ceifou vidas humanas, contaminou rios e destruiu florestas inteiras” (LOPES, 2016, p. 10). Esses efeitos ficam mais evidentes quando se compara a situação da região atingida antes e após a tragédia:



Figura 1- Bento Rodrigues, antes e depois do rompimento da barragem.³

O rompimento da barragem afetou toda a vida existente no Rio Doce, o que provocou polêmica em relação à busca pelas causas e pelos culpados. Segundo relatório do governo de Minas Gerais, publicado em fevereiro de 2016, a barragem estava contaminada por 55 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério, conforme estimativas do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), os quais se espalharam por toda a região atingida, deixando 17 mortos e mais de 600 pessoas desabrigadas.

A cor marrom predominante na imagem da região afetada, após a tragédia, está representada na capa do livro:

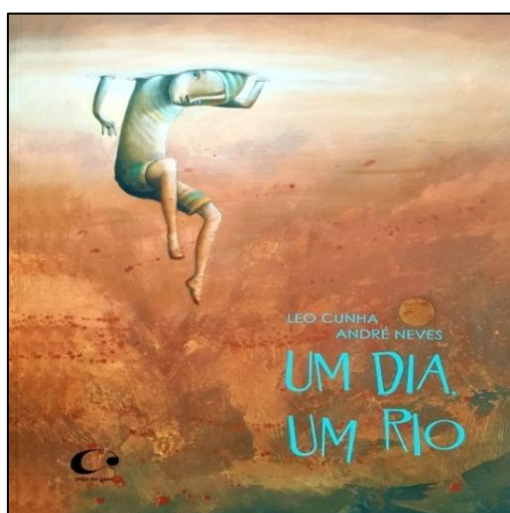


Figura 2- Capa do livro: *Um dia, um rio*.⁴

³ Fonte: R7 Minas Gerais.

⁴ Fonte: CUNHA, 2016

Além do rio, na cor marrom, ao fundo, há uma criança em posição fetal, como se nascesse dele e a ele permanecesse presa, simbolizando o próprio rio. Esta seria, segundo Orlandi (2015), a posição sujeito projetada, em que a personagem se encontra entre “lama e rejeitos”. Vale ressaltar o contraste do marrom com a cor azul, no título da obra, a qual se repete ao longo do texto, sempre que ocorre uma mudança, remetendo à cor do rio.

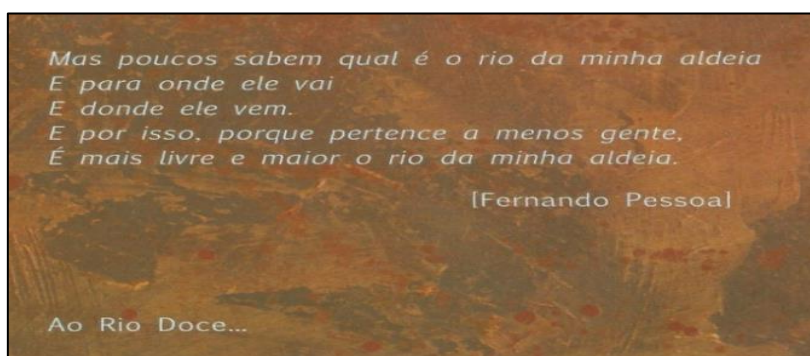


Figura 3- Dedicatória ao Rio Doce no início do livro 2º Capa.⁵

A epígrafe, retirada do poema XX “O Tejo é mais belo”, de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Alberto Caeiro, em *O guardador de rebanhos* (1911-12), encontra nos fatos reais sua justificativa:

[...] a morte de mais de 11 toneladas de peixes ameaçou a extinção de algumas espécies, impactou fauna, flora, áreas marítimas e de conservação, além de causar prejuízos ao patrimônio, às atividades pesqueiras, agropecuária, turismo e lazer na região. (FORÇA-TAREFA, 2016).

Há, portanto, alguns dos fatores externos à obra, registrados nas notícias veiculadas na *web* ou mesmo no poema de Pessoa dedicado ao rio Tejo. Dessa forma se tem a ligação entre o sentido lato e o estrito, que marcam as condições de produção desta obra.

⁵ Fonte: CUNHA, 2016.



Figura 4- Marca o início do livro e as características iniciais do rio.⁶

A figura acima traz o protagonista puxando algo e de roupa de banho, ao mesmo tempo que o termo “**UM RIO**”, em destaque, indica o início da vida do rio, simbolizada por uma sequência de metáforas: “*Cama de canoa,/ espelho de lua,/ caminho de peixe,/ carinho de pedra*” (CUNHA, 2016, p. 5).



Figura 5- Marca a mudança do tempo verbal e o início da transformação do rio.⁷

Até a figura anterior, os verbos estão todos no presente, mas a partir desta última, o que se observa é sua mudança para passado, como se a transformação do rio se iniciasse, porém de forma sutil, como um lamento. A cena da personagem central, despedindo-se das crianças e puxando um balde de água limpa, marca um adeus ao rio

⁶ Fonte: CUNHA, 2016, p. 4 e 5.

⁷ Fonte: CUNHA, 2016, p. 8 e 9.

que era conhecido, trazendo, segundo Palo e Oliveira (1986), uma relação entre o sonoro, pela aliteração do “S” e o visual: “*Corri por entre tribos,/ povoados,/ gentes*”; “*Enchi de casos os pescadores,/ de lembranças os viajantes,/ de encantos os menestréis*” (CUNHA, 2016, p. 8 e 9).

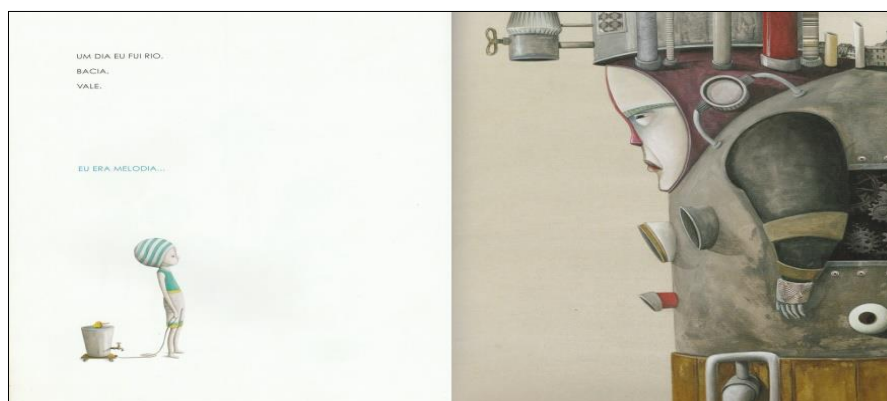


Figura 6- Marca a separação do rio em antes e depois da tragédia.⁸

Assim como no início do livro, “**EU ERA MELODIA**” vem destacado em azul, indicando uma mudança, os versos “*Um dia fui rio,/ bacia,/ vale./ Eu era melodia...*” (CUNHA, 2016, p. 10) marcam o processo de separação do livro em dois momentos, o antes e o depois da tragédia. Da mesma forma que na figura 1, com a imagem do distrito de Bento Rodrigues antes e depois do rompimento da barragem, marcando o diálogo entre ficção e realidade. Importante notar ainda que a protagonista está parada, olhando para o que representa a barragem, um robô gigante, com feição humana, correspondente à fragmentação indicada por Hall (2014, *Apud* PINA, 2015). Esse processo de transformação (antes e depois), é representado pictoricamente:

⁸ Fonte: CUNHA, 2016, p. 10 e 11.



Figura 7- Ilustração de duas páginas que indica a transformação do rio.⁹

Nesse momento a ilustração substitui o texto escrito, trazendo, segundo Abreu (2010), uma função expressiva, capaz de comunicar o sentimento de medo de toda uma população, representada pela figura da criança. A cena é uma metáfora imagética do rompimento da barragem, que contribui para a construção da literariedade e reforça o diálogo entre o real e o ficcional, denunciando a ação nociva do homem sobre a natureza. Afinal, atribuir à barragem o rosto de um homem implica responsabilizá-lo pela morte do rio.

As páginas do livro, a partir desse momento, ganham um fundo marrom escuro e vermelho (Figura 8) e a tragédia passa a ser apresentada por meio de uma antítese, revelada no último verso “**EU ERA MELODIA**” (Figura 6), com “*Hoje sou silêncio*” (CUNHA, 2016, p. 14). Partindo dessa antítese, o protagonista, também apagado, embaixo de lama, está com uma fisionomia triste, juntamente com diversos objetos e o balde com água ainda limpa, denotando a função expressiva da imagem (ABREU, 2010).

⁹ Fonte: CUNHA, 2016, p. 12 e 13.



Figura 8- Representa o rompimento da barragem e a transformação do rio em lama.¹⁰

Meu leito virou lama,/ meu peito, chumbo e cromo./ Minhas margens, tristeza; Eu era doce,/ hoje sou amargo; Minha aldeia mora submersa dentro de mim./ Com lágrimas de minério,/ vou sangrando até o mar. (CUNHA, 2016, p. 16 e 17).

Os versos acima caracterizam o sujeito, mostrando sua transformação por meio de uma cadência de símbolos: a antítese doce/amargo, a metáfora “lágrimas de minério” e a hipérbole “sangrando até o mar”.

Os verbos no passado revelam um aspecto de saudade, remetendo à lembrança de algo que já passou, o que pode ser novamente ligado ao contexto de produção. Vale lembrar que o livro, conforme mencionado, foi publicado em outubro de 2016, um mês antes de se completar um ano do rompimento da barragem. O que pode sugerir a lembrança triste de um passado em que o rio ainda existia.

¹⁰ Fonte: CUNHA, 2016, p. 14 e 15.

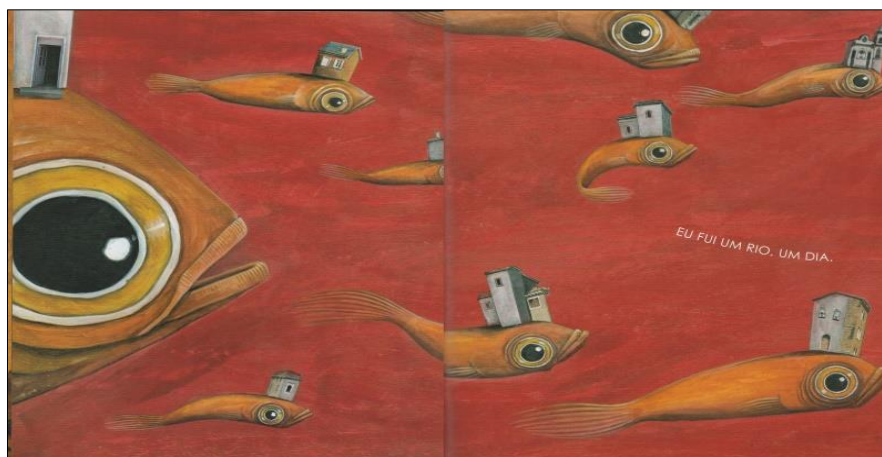
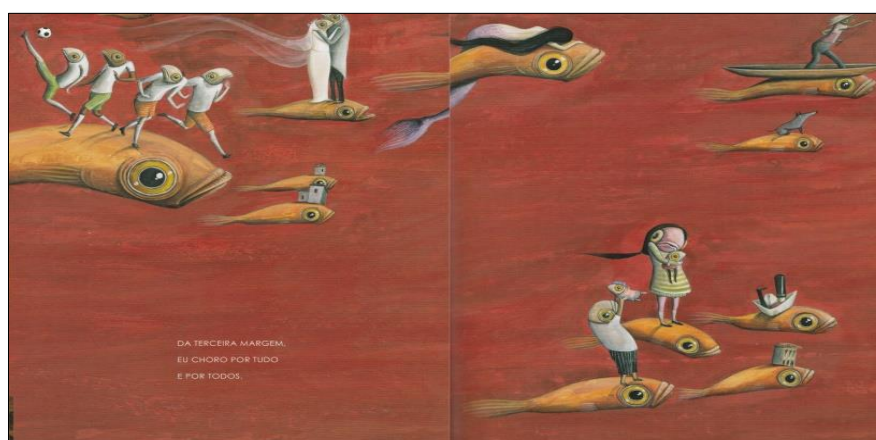


Figura 9- Representa o passado, não é mais um rio.¹¹

O verso “*Eu fui um rio, um dia*” (figura 9) traz uma figura sonora com a inversão do título “*Um dia, um rio*” para “*Um rio, um dia*”. Segundo Palo e Oliveira (1986), essa mudança caracteriza o aspecto passageiro do rio correlacionando a sua dupla liquidez: de existência e morte (BAUMAM, 2001).

Ao se observar mais atentamente a imagem, nota-se novamente uma função expressiva (ABREU, 2010). As figuras visuais (PALO; OLIVEIRA, 1986) na representação pictórica dos peixes que, levando casas nas cabeças, podem fazer referência aos moradores de Bento Rodrigues, município completamente devastado pela tragédia e quando boa parte de entulhos e bens materiais foram arrastados por um “tsunami devastador de lama de rejeitos” (LOPES, 2016, p. 10).



¹¹ Fonte: CUNHA, 2016, p. 18 e 19.
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 08-28

Figura 10- Representa o distrito de Bento Rodrigues destruído completamente pela lama.¹²

Nessa imagem há a função descritiva (ABREU, 2010), aliada às figuras visuais, pois os peixes agora levam as representações do que expressa a poesia:

Na margem de cá,/ eu tive uma escola,/ um campinho. Ouvia os gritos das crianças,/ o trote dos cavalos,/ o apito do trem./; Na de lá,/ tive uma praça,/ uma igreja,/ um sino,/ uma noiva. Ouvia o canto das lavadeiras,/ as festas de domingo. (CUNHA, 2016, p. 22).

Assim jogadores, noivos, pescadores, famílias e animais que viviam no entorno do Rio Doce são representados como peixes, simbolizando a morte não apenas do rio, mas de toda a vida que dele dependia.



Figura 11- retrata a morte dos peixes.¹³

A página seguinte traz as espinhas desses peixes (Figura 11), retratando sua morte, marcada pelos versos “*Eu fui um rio, um dia*”, tal como na figura 9, trazendo novamente a antítese dos peixes vivos/mortos, reforçando, mais uma vez, o prejuízo causado aos seres vivos que habitavam o Rio Doce ou viviam ao seu redor e dele dependiam.

¹² Fonte: CUNHA, 2016, p. 22 e 23.

¹³ Fonte: CUNHA, 2016, p. 26 e 27.

Contudo, no final do livro, há uma mudança brusca nas cores, que voltam a ser claras:

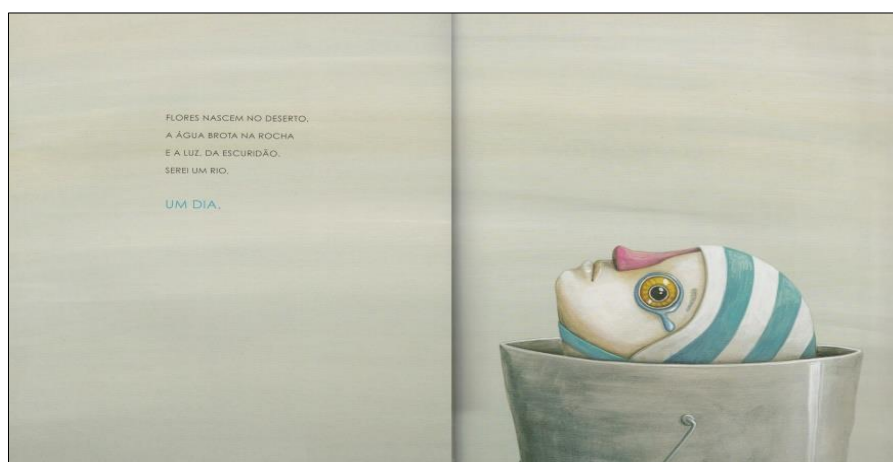


Figura 12- Retrata a esperança de que um dia o rio volte a ser como era.¹⁴

Como no início, a cor azul em “UM DIA” representa agora outro momento, o protagonista aparece dentro do balde, simbolizando a esperança, confirmando o tom de renascimento dos versos: “*Flores nascem no deserto,/ a água brota na rocha/ e a luz, da escuridão./ serei um rio, UM DIA*” (CUNHA, 2016, p. 28). O encerramento sugere a esperança de um renascimento, e, como no conto maravilhoso, aponta para um *happy end*, como prevê a morfologia de Propp (2006).

Enfim, há a união de todas as antíteses entre texto e imagem, ao se colocar a primeira e a quarta capas lado a lado:

¹⁴ Fonte: CUNHA, 2016, p. 28 e 29.

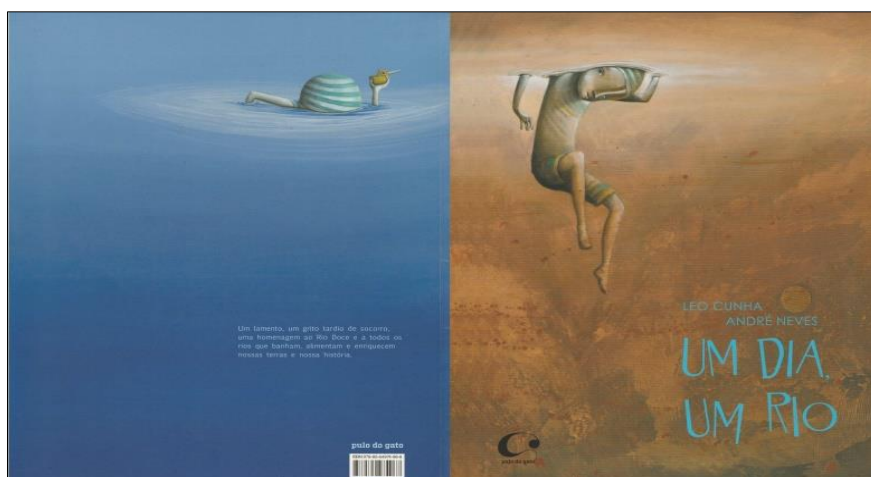


Figura 13- capa final e inicial do livro.¹⁵

O contraste da capa, em cores escuras e com o protagonista com o seu corpo abaixo da água, que virou lama, com a quarta capa, na qual surge a parte da sua cabeça e mão para fora da água, em cores claras e a representação da água limpa, acompanhada dos versos: *“Um lamento, um grito tardio de socorro, uma homenagem ao Rio Doce e a todos os rios que banham, alimentam e enriquecem nossas terras e nossa história”* (CUNHA, 2016, 4º Capa), sintetizam o diálogo interartístico, aproximando ficção e realidade e contrastando a tragédia por meio da esperança.

Considerações Finais

A partir do universo maravilhoso, *Um dia, um rio* estabelece a relação entre vários elementos: criança, autor, ilustrador e contexto de produção (ORLANDI, 2015), sob a perspectiva imagem/texto. Isso fica evidente quando se levam em conta as perspectivas de Leo Cunha e André Neves sobre a tragédia e a maneira artística com que a expressam no livro, bem como a representação do Rio Doce e a forma simbólica com que a efemeridade é apresentada no texto, através de marcações nos versos, cores, tempos verbais (PALO; OLIVEIRA, 1986) e imagens, permitindo que o evento real seja

¹⁵ Fonte: CUNHA, 2016.

transportado para o ficcional, sem perder de vista a reflexão a respeito a partir da denúncia social.

O caráter passageiro da temática da obra é marcado pelas antíteses presentes no diálogo imagem/poesia, as quais ajudam a compreender a liquidez (BAUMAN, 2001) do rio e de toda a vida que dele dependia, fossem animais ou seres humanos. Nesse sentido a representação iconográfica do ser humano no livro, seja ele criança ou adulto, permite-lhe a identificação (HALL, 2014, *apud* PINA, 2015) tanto com o rio quanto com a barragem, já que ambos ganham vida quando representados com características humanas.

Portanto, a obra de Cunha e Neves é um exemplo de como a arte poética na literatura infantil contemporânea é capaz de levar à reflexão da efemeridade de eventos como a tragédia em Mariana, por meio da denúncia (COLOMER, 2003), sem perder a expressividade e a sensibilidade artística.

ZMIESKI, A.; KÜHLEWEIN, C. Dois autores e um rio: entre o real e o imaginário na poesia infantil contemporânea. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 08-28, 2019.

TWO AUTHORS AND ONE RIVER: BETWEEN THE REAL AND THE IMAGINARY IN CONTEMPORARY CHILDREN'S POETRY

ABSTRACT: One day, a river (2016) is a children's work that portrays the breaking of the dam in Mariana-MG. Its analysis follows a path that involves image and (con) text, according to the methodology proposed by Orlandi (2015), considering the dialogue between the visual and the verbal (ABREU, 2010), the reflection on the ephemerality (BAUMAN, 2001) of real events transported to the infantile universe through poetic art and how this can turn into social denunciation (COLOMER, 2003).

KEYWORDS: Illustration; Children's poetry; ephemerality.

Referências Bibliográficas

ABREU, Ana Paula Bernardes. Revelações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil. *Baleia na Rede*: revista eletrônica do grupo de pesquisa em cinema e literatura, São Paulo, v. 1, n. 7, p.328-343, dez. 2010. FFC/UNESP. Disponível em:

<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1519>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. SER LEVE E LÍQUIDO. In: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-22. Plínio Dentzien. Disponível em:

<http://www.zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/trecho_BAUMAN_ModernidadeLiquida.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

CAEIRO, Alberto. (heterônimo de Fernando Pessoa) O guardador de rebanhos. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000001.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo. Moderna, 2000.

COLOMER, Tereza. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, Marta Moraes. Considerações iniciais a respeito de texto e imagem no livro de literatura infantil. *Revista Letras*, Curitiba, n. 54, p.23-33, jul. 2000. Jul/dez. Editora da UFPR. Disponível em:

<<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18797>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

CUNHA, Leo. *Um dia, um rio*. São Paulo: Pulo do Gato, 2016. Ilustração: André Neves.

FORÇA-TAREFA, Grupo da. *Relatório: Avaliação dos efeitos e desdobramentos do rompimento da Barragem de Fundão em Mariana-MG*. Governo do Estado de Minas Gerais: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional, Política urbana e Gestão Metropolitana, Belo Horizonte, fev. 2016. Disponível em: <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/ckeditor_assets/attachments/770/relatorio_final_ft_03_02_2016_15h5min.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. *Revista Perspectivas Sociais*, Pelotas, v. 1, n. 1, p.109-124, mar. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/viewFile/2344/2197>>. Acesso em: 23 set. 2017.

GUEDES, Viviane Marques. A contribuição de Stuart Hall e de Néstor García Canclini para os estudos da identidade cultural contemporânea. *Revista Temática*, Paraíba, v. 9, n. 2, p.1-13, fev. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/21944/12068>>. Acesso em: 23 set. 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1985. 190 p. (Série Fundamentos).

LIBRARY, International Children's Digital. *White Ravens*. Disponível em: <<http://www.childrenslibrary.org/servlet/WhiteRavens>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

LOPES, Luciano Motta Nunes. O Rompimento da Barragem de Mariana e seus Impactos Socioambientais. *Sinapse Múltipla*, PUC: Minas Gerais, v. 5, n. 1, p.1-14, 2016. Disponível em:

DOIS AUTORES E UM RIO: ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO NA POESIA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/11377>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

MÜLLER, Reinaldo. *A Infância na Contemporaneidade*. 2013. Disponível em: <<http://webartigos.com/artigos/a-infancia-na-contemporaneidade/106870>>.

Acesso em: 23 set. 2017.

NOTÍCIAS, R7. *Veja Como era o pacato distrito de Bento Rodrigues antes da tragédia*. Minas Gerais. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/fotos/veja-como-era-o-pacato-distrito-de-bento-rodrigues-antes-da-tragedia-11112015#!/foto/1r7>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos do ensino*. São Paulo: Paulinas, 2008. 181 p. (Coleção literatura e ensino).

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI, Rodrigues (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2015, p.13-36.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura Infantil. Voz de Criança*. São Paulo: Ática, 1986. 80 p. (Série Princípios).

PINA, Max Lânio Martins. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade.: Resenha: A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. *Élisée: Revista de geografia da UEG, Anápolis*, v. 4, n. 1, p.213-218, jun. 2015. Disponível em:

<<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/download/3562/2531>>. Acesso em: 23 set. 2017.

PROPP, Wladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. *Modernidade Líquida*, 2017. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SILVA, Rafael Bianchi; MENDES, Jéssica Paula Silva; ALVES, Rosieli dos Santos Lopes. O Conceito de Líquido em Zygmunt Bauman: Contemporaneidade e Produção de Subjetividade. *Athenea Digital*, Maringá, v. 2, n. 15, p.249-264, jul. 2015. Disponível em: < <http://atheneadigital.net/article/view/v15-n2-silva-mendes-alves>>. Acesso em: 23 set. 2017.